

**A TROCA DO PRONOME PESSOAL OBLÍQUO ÁTONO *ME*
PELO TÔNICO *MIM*: UM ESTUDO
SOB A PERSPECTIVA DA NASALIDADE**

José Kelli Santos Ibiapino Albuquerque (UESPI)

jk01976@yahoo.com.br

Ailma do Nascimento Silva (UESPI)

ailmanascimento@uespi.br

RESUMO

Este artigo trata da variação linguística *me* ~ *mim*, referente ao pronome oblíquo *me*, quando este se encontra em posição adjunta ao verbo, fenômeno fonológico muito recorrente na fala de alunos do 8º ano de uma escola situada no município de Itainópolis-PI, e que se reflete na escrita. Busca-se investigar se a forma nasalizada como tais alunos pronunciam o pronome oblíquo átono *me*, articulando-o, em suas falas, como /mĩ/, é fator que contribui para a troca desse clítico átono pelo oblíquo tônico *mim* em suas produções escritas. Este estudo assenta-se em autores como Bisol (2014), Matzenauer (2017), Câmara Jr. (1970), Silva (2002), entre outros. Como *corpus* para a pesquisa, analisaram-se produções textuais narrativas escritas de sete alunos da turma supracitada, nas quais o pronome pessoal oblíquo de primeira pessoa do singular fora empregado, bem como cinco frases escritas por eles em que esse tipo de pronome também se fez presente.

Palavras-chave:

Nasalidade. Pronomes *Me/Mim*. Escrita e Fala.

ABSTRACT

This article deals with the linguistic variation *me* ~ *mim*, referring to the oblique pronoun *me*, when it is in an adjunct position to the verb, a very recurrent phonological phenomenon in the speech of 8th grade students at a school located in the municipality of Itainópolis-PI, and which is reflected in writing. The aim is to investigate whether the nasalized way in which these students pronounce the unstressed oblique pronoun *me*, articulating it, in their speech, as /mĩ/, is a factor that contributes to the exchange of this unstressed clitic for the tonic oblique *mim* in their written productions. This study is based on authors such as Bisol (2014), Matzenauer (2017), Câmara Jr. (1970), Silva (2002), among others. As a corpus for the research, written narrative textual productions of seven students from the aforementioned class were analyzed, in which the first person singular oblique personal pronoun was used, as well as five sentences written by them in which this type of pronoun was also used.

Keywords:

Nasality. *Me/Mim* pronouns. Writing and Speaking.

1. Introdução

O uso dos pronomes pessoais oblíquos de primeira pessoa do singular é bastante recorrente nas interações linguísticas dos falantes da língua portuguesa, tanto na modalidade oral como na escrita. É bastante comum encontrarmos inadequações no uso desse tipo de pronome e, no tocante aos alunos do 8º ano de uma escola localizada no município de Itainópolis-PI, essa também é uma realidade evidente.

Neste trabalho, trata-se da variação linguística *me ~ mim*, referente ao pronome oblíquo *me*, quando este se encontra em posição adjunta ao verbo, ou seja, como objeto, fenômeno fonológico muito recorrente na fala de alunos do 8º ano de uma escola situada no município de Itainópolis-PI, e que se reflete na escrita. Tem como objetivo investigar se a forma nasalizada como tais alunos pronunciam o pronome oblíquo átono *me*, os quais articulam-no como /mĩ/, é fator que contribui para a troca desse clítico átono pelo oblíquo tônico *mim* em suas produções escritas.

Vale ressaltar que o uso nasalizado, tanto na fala como na escrita, do pronome oblíquo átono mencionado, não é fator que afeta a compreensão textual ou mesmo frasal, porém é válido destacar que a apropriação da sua representação gráfica correta, é um conhecimento que se faz necessário por parte dos discentes, pois isso ajudar-lhes-á na aquisição de melhores resultados na sua vida escolar, bem como em outros contextos extraescolares.

A pesquisa realizada é do tipo quali-quantitativa, pois buscou-se descrever os dados encontrados, fazendo as análises e as interpretações cabíveis, bem como foram quantificados. Os alunos participantes são de uma turma de 8º ano de uma escola situada no município de Itainópolis-PI. A turma funciona no horário da tarde, das 13h às 17h, de segunda a sexta-feira, às vezes, também aos sábados, pelo menos uma vez por mês, e é composta por sete alunos, sendo quatro do sexo feminino e três do sexo masculino, com faixa etária entre treze e quinze anos, oriundos da comunidade onde está situada a escola ou de localidades vizinhas.

A escola é de médio porte, possui energia elétrica, *internet*, água encanada, transporte escolar, mas ainda precisa melhorar em alguns aspectos estruturais para proporcionar mais conforto para seus alunos.

Para maior embasamento teórico sobre a temática em questão, toda discussão assenta-se nos estudos de Bisol (2014), Matzunauer (2017), Câmara Jr. (1970), Silva (2002), entre outros, o que favoreceu uma análise mais criteriosa do *corpus*.

Pretende-se, com os resultados obtidos por meio desta pesquisa, auxiliar o professor de língua portuguesa da turma, na elaboração de ações pedagógicas voltadas para a solução ou amenização do problema ortográfico detectado com relação ao uso do pronome pessoal oblíquo em foco neste artigo.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma: de início, apresentam-se um panorama da temática tratada, seu objetivo, justificativa e metodologia utilizada. Em seguida, são apresentadas duas seções de fundamentação teórica, seguidas da metodologia aplicada e dos resultados obtidos na pesquisa de campo realizada e respectivas análises e, por último, são abordadas as considerações finais e as referências bibliográficas.

2. Distinções e Relações entre Fonética e Fonologia

Os estudos sobre os sons da língua têm despertado interesses entre estudiosos da área desde tempos bem remotos. Os primeiros estudos nessa área não traziam visões e informações precisas sobre o objeto investigado, mas pode-se dizer que eles foram essenciais para que se chegasse aos conhecimentos que já se têm hoje acerca dos sons da(s) língua(s). Seguindo essa abordagem, Vagones (1980), assegura:

De fato, o interesse dos homens pelos sons vocais, visto de uma maneira geral, não é recente. Parece-nos suficientemente claro que, o fato do homem emitir sons vocais para transmitir mensagens, deve ter chamado a atenção dos usuários das línguas para esses sons, desde os tempos mais remotos. Da Antiguidade, temos, entre outros, vestígios de preocupações linguísticas entre os egípcios, os sumerianos e acadianos, os chineses... (VAGONES, 1980)

Considera-se necessário, de início, fazer uma distinção entre os estudos fonéticos e fonológicos. A *fonética* e a *fonologia* costumam gerar, a princípio, muitas dúvidas com relação aos seus objetos de estudo. Apesar de serem ciências que tratam dos sons da língua, por isso serem confundidas com frequência, as duas áreas têm distinções em seus objetivos. Para Matzenauer (2017),

Fonologia e Fonética apresentam campos de estudo relacionados, mas objetivos independentes. A fonética visa ao estudo dos sons da fala do ponto

de vista articulatório, verificando como os sons são articulados ou produzidos pelo aparelho fonador, ou do ponto de vista acústico, analisando as propriedades físicas da produção e propagação dos sons, ou ainda do ponto de vista auditivo, parte que cuida da recepção dos sons. A fonologia, ao dedicar-se ao estudo dos sistemas de sons, de sua descrição, estrutura e funcionamento, analisa a forma das sílabas, morfemas, palavras e frases, como se organizam e como se estabelece a relação “mente e língua” de modo que a comunicação se processe. (MATZENAUER, 2017, p. 11)

Ainda para Matzenauer (2017, p. 11), “a fonética se dedica ao estudo de todo som produzido pelo aparelho fonador e utilizado na fala; a fonologia, diferentemente, detém-se nos sons capazes de distinguir significados – designados *fonemas*”.

Segundo Callou e Leite (1993, p. 11), “enquanto a fonética estuda os sons como entidades físico-articulatórias isoladas, a fonologia irá estudar os sons do ponto de vista funcional, como elementos que integram um sistema linguístico determinado”.

Sintetizando, com base nas diferenças mostradas acima entre ambas as ciências que tratam dos sons da língua, fica claro que a fonética estuda os sons da língua de um ponto de vista físico, enquanto a fonologia parte para uma análise desses sons de uma perspectiva mais distintiva, mais prática de sua produção.

Devido à complexidade existente entre os sons linguísticos, esta percebida pelos estudiosos dessa área, uma necessidade de se estabelecer uma diferenciação quanto ao objeto de estudo entre as disciplinas Fonética e Fonologia fez-se necessária, uma vez que há fenômenos diferentes na produção e análise dos sons, o que deveria ser estudado por áreas diferentes para que se pudesse chegar a explicações mais sólidas e conscientes sobre tais fatos linguísticos. Daí por diante, surge uma maior diversidade na literatura fonética e fonológica, que serve de embasamento teórico para estudos e compreensão nessa área.

Com base nos estudos, pode-se entender a Fonética como sendo a ciência que trata da parte física da produção dos sons da fala, isto é, essa disciplina se preocupa em estudar e explicar a função dos órgãos físicos e articulatórios envolvidos na produção dos sons, tendo ela, portanto, um viés físico/fisiológico em seus estudos. Já a Fonologia volta-se para o estudo do som produzido, ou seja, seu objeto de estudo é o fonema. Pode-se dizer aqui que a Fonética se volta para a fala, enquanto a Fonologia, para a língua. De acordo com Vagones (1980),

[...] a Fonética atual se propõe estudar os fatores materiais dos sons da fala humana: seja as vibrações do ar que a eles se correspondem, seja as posições e movimentos dos órgãos que os produzem. A Fonologia quer estudar não os sons, mas os fonemas, isto é, os elementos constitutivos do significante linguístico [...] (VAGONES, 1980, [s.p.])

A Fonética tem uma postura investigativa mais individualizada, isolada, ao estudar a produção dos sons e suas particularidades, enquanto a Fonologia, para realizar suas investigações científicas, necessita de um todo, isto é, de agrupamentos para analisar as relações estabelecidas pelos fonemas no processo linguístico. Nessa perspectiva, Vagones (1980), assegura que

[...] o foneticista é necessariamente atomista ou individualista (no sentido gnoseológico do termo). Cada som da fala humana só pode ser estudado de forma isolada, fora de toda relação com os demais sons da língua. Semelhante procedimento é impossível em fonologia. Uma vez que um fonema constitui um elemento diferencial, somente pode ser definido por suas relações com os outros fonemas do mesmo sistema. (VAGONES, 1980, [s.p.])

De um modo mais sucinto, isso significa que a Fonética, ao estudar um fenômeno linguístico da fala, precisa analisar os fatos um por um, um falante por vez para se chegar aos resultados práticos almejados, enquanto a Fonologia, em seus estudos investigatórios, ao analisar, por exemplo, a diferenciação entre sons para constituir o(s) significante(s) e seu valor semântico social, precisa fazer essa análise de forma coletiva, fazendo comparações para se chegar às diferenciações e, conseqüentemente, aos seus resultados.

A partir dos estudos dos sons da fala, é possível perceber e compreender a necessidade do aprofundamento, por parte do docente de língua portuguesa, nas áreas fonética e fonológica, e que há uma diferença entre o objeto de estudo de ambas, que deve ser compreendida e levada em consideração, para que se possa obter resultados satisfatórios no trabalho com a língua portuguesa em sala de aula.

2.1. A nasalidade no português do Brasil (PB)

A nasalidade é um fenômeno fonológico que pode ser percebido tanto em vogais como em consoantes no português. Ela acontece quando a corrente de ar, após passar pela glote e encontrar o véu palatino abaixado e a passagem naso-faríngea aberta, tem uma parte do ar desviado para a

cavidade nasal, criando, assim, os sons nasais ou os nasalizados. Os sons nasais distinguem-se dos sons nasalizados.

A organização dos sons é estabelecida no nível fonológico e materializada no nível fonético. Os fenômenos que ocorrem nesses níveis linguísticos são estudados pela fonética e pela fonologia. Dentre esses fenômenos, destacamos o processo de nasalização que ocorre quando uma vogal oral assimila o traço nasal da consoante nasal seguinte, conforme assegura Câmara Jr. (2009 [1970]). Sobre isso, Mendonça e Oliveira asseveraram:

Como já vimos, há dois tipos de nasalização, uma fonológica por causar contraste, uma vogal oral, travada por uma consoante nasal, como em /'kaNto/ “canto”, se opõe a uma vogal oral sem travamento, como em /'kato/ “cato”. Este tipo de contexto favorece a aplicação da regra de modo categórico. Outro tipo de nasalização é denominado de fonética, por não estabelecer contraste. Para que esse tipo de nasalização ocorra, não é suficiente o encontro da vogal com a consoante nasal. Outros fatores linguísticos estão envolvidos no processo. Nos níveis fonológico e fonético, o acento e o ponto de articulação da consoante nasal promovem um ambiente que favorece a nasalização obrigatória, já que vogais acentuadas seguidas de uma consoante nasal sempre serão nasalizadas, como em ['kãme] “cama”, e vogais seguidas da nasal palatal terão nasalização categórica, como em ['bãpo] “banho” e [kõ'neso] “conheço”. Vogais não acentuadas seguidas de uma consoante nasal bilabial, como em [a'migas] ~ [ã'migas] “amigas”, ou alveolar, como em [ana'lizi] ~ [ãna'lizi] “análise”, podem ou não sofrer a nasalização, o que caracteriza a regra de nasalização fonética como variável. (MENDONÇA; OLIVEIRA, 2019, p. 43-58)

De um ponto de vista sociolinguístico, a variação é inerente às línguas, o que significa que nas línguas são encontradas formas distintas, mas equivalentes semanticamente nos diferentes níveis linguísticos. (Labov, 2008 [1970]).

Como pontuam Mendonça & Oliveira, (2019), a regra de nasalização fonética é variável, ou seja, sua aplicação, conforme a teoria da variação linguística, está condicionada a aspectos linguísticos e sociais. Alguns estudos sugerem que a nasalização é condicionada linguisticamente pela classe gramatical, pelo acento e pelo tipo de consoante nasal. Além disso, há conclusões que apontam para uma divisão dialetal do Brasil baseada na nasalização fonética. A nasalização seria bem mais frequente no Norte/Nordeste do que no Sul/Sudeste do Brasil.

A nasalização fonética está intrinsecamente ligada, então, a fatores de variação linguística no país, em que em determinadas regiões do País,

conforme mostram estudos na área, há uma tendência maior, em determinados segmentos, a se articular as vogais mais oralmente do que de forma nasalizada, como se pode observar, por exemplo, no vocábulo *c[a]mareira*, no qual a vogal “a” é articulada, dessa forma, mais nas regiões sul/sudeste do país. Já a variante *c[ã]mareira*, na qual o “a” apresenta-se articulado de forma nasalizada, é mais comum entre os falantes das regiões Norte/Nordeste. Em casos como esse, pode-se dizer que a diferença entre os vocábulos fica apenas no campo fonético e não semântico, caracterizando-se como um processo de alofonia.

Consoante Lopez, (1979, p. 54 *apud* Bisol, 2014, p. 205), os sons nasais consonantais do Português brasileiro são [m], [n] e [ɲ]. Como exemplos, trazem-se, respectivamente: *mala*, *nata*, *banha*. Na produção desses sons, há um fechamento da cavidade bucal, além do abaixamento do véu palatino. Na articulação do [m], ocorre a obstrução pela aproximação dos lábios; com o [n], a obstrução é obtida pela junção da ponta da língua com a parte posterior dos dentes superiores; e com o [ɲ], a obstrução se dá com a parte anterior da língua encostada no palato duro.

Entende-se, então, que os sons nasais do português brasileiro, de um ponto de vista físico-articulatório, são apenas consonantais, não generalizando todos eles, apenas os três especificados acima, sendo, então, nesse viés, os sons vocálicos, nessa língua, apenas nasalizados e não nasais, conforme se abordará, mais abaixo, a tese de Câmara Jr. (1970), sobre as vogais nasais no português do Brasil.

Quando não há obstrução total do ar na cavidade bucal, mas há a ressonância nasal, o som é nasalizado, como é o caso das “vogais nasais” (assim consideradas pelas gramáticas normativas e compêndios gramaticais). Daí, Câmara Jr. (1970), ter defendido a tese de que não há vogal nasal em português, mas vogais nasalizadas, uma vez que a vogal é sempre um som bucal, cuja emissão da corrente de ar se faz livremente, ao contrário do que ocorre com a emissão da corrente de ar na produção de uma consoante, que se caracteriza como um obstáculo.

Em consonância com o pensamento de Câmara Jr. (1970), no que diz respeito à nasalidade das vogais do português brasileiro, pode-se concluir que o processo nasal das vogais nessa língua, dá-se por meio de uma assimilação do som de uma consoante nasal posterior, em que há um espraiamento desse som nasalizado da consoante para a vogal precedente, tornando-se, assim, uma vogal nasal. Sobre isso, Botelho declara:

Tal nasalização da vogal pode ser fonética ou fonológica. Naquela, a vogal (que é sempre oral) recebe uma leve nasalização por conta do contato com uma consoante nasal da sílaba seguinte (ex.: “mamãe”, “cana”, “aranha”); na nasalização fonológica, a nasalização (que não é nada leve) da vogal se dá por conta do contato com um elemento nasal (arquifonema /N/) no declive da sílaba (ex.: “tampa”, “minto”, “mundo”). Certamente, não constituem fenômenos equivalentes, porquanto o resultado da nasalização fonológica é uma forma distinta daquela em que a vogal tem prolação oral, diferente do que ocorre com as formas em que se verifica a nasalização fonética. (BOTELHO, 2007, p. 56)

Ainda com relação à distinção entre a nasalidade causada pelo contato da vogal com uma consoante nasal na sílaba subsequente ou na mesma sílaba, nesse caso, em posição de coda, sendo, assim, essa consoante, um arquifonema, Câmara Jr. (1970) diz:

É preciso ainda distinguir, no português, a nasalidade transmitida por uma consoante nasal na mesma sílaba, como em *lança*, daquela resultante do contato com uma nasal na sílaba seguinte, como em *lama*. No primeiro caso, a emissão nasal da vogal é fonológica, tem valor distintivo, isto é, *lança* distingue-se de *laça*. No caso de *lama*, a emissão nasal da vogal não gera contrastes de sentido. Assim sendo, a última não é fonológica. (CÂMARA JR., 1970 *apud* BISOL, 2014, p. 170)

Com base na tese acima, conclui-se que há uma diferença entre nasalidade fonológica e nasalidade fonética, devendo estarmos atentos a esses dois processos, pois, no primeiro, ao se articular a vogal de forma oral em um determinado vocábulo, gera-se um signo com valor semântico diferente daquele produzido ao se pronunciar a mesma vogal de forma nasalizada. Já no segundo, não há distinção semântica no signo produzido, independente de se articular a vogal oral ou nasalmente.

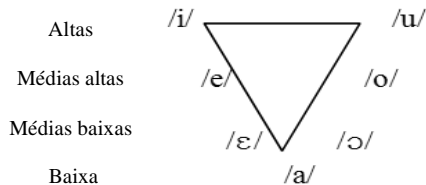
Não há um consenso entre estudiosos da área no que diz respeito ao processo de nasalidade das vogais no português brasileiro, isto é, se há ou não vogais nasais nessa variante do português falado no Brasil, ou se são apenas nasalizadas pela influência de outros segmentos nasais próximos a elas. Porém, ressalta-se aqui que esta pesquisa, nesse sentido, segue a linha de pensamento de Câmara Jr. abordada anteriormente nesta seção.

2.2. As Vogais do Português Brasileiro (PB)

Câmara Jr. (1970, p. 31 *apud* BATTISTI; VIEIRA, 2014, p. 166), apresenta as vogais do português como um sistema triangular, em cujo vértice mais baixo está a vogal /a/. A elevação gradual da língua, na parte

anterior ou na parte posterior, conforme o caso, dá a classificação articulatória de vogal baixa, vogais médias de 1º grau, vogais médias de 2º grau e vogais altas.

Figura 1: Sistema vocálico tônico oral do Português Brasileiro.



Fonte: Câmara Jr. (1970, p. 33 *apud* Battisti & Vieira, 2014, p. 167)

Do ponto de vista articulatório, os sons vocálicos são produzidos pela vibração das cordas vocais. Todas as vogais são sonoras, produzidas com a passagem do ar livre pela boca.

Segundo Silva, (2002), no português existem sete segmentos vocálicos, que são produzidos com a passagem do ar sem interrupção na linha central da boca, como se vê a seguir: [i] para o som da vogal *i* em *li*; [e] para o som da vogal *e* em *lê*; [ɛ] para o som da vogal *e* em *fê*; [a] para o som da vogal *a* em *pá*; [ɔ] para o som da vogal *o* em *pó*; [o] para o som da vogal *o* em *capô*; [u] para o som da vogal *u* em *Itu*.

As vogais são segmentos sonoros imprescindíveis para a composição dos signos da língua, constituindo-se como núcleo silábico, ou seja, não há sílaba, na língua portuguesa, sem a presença de uma vogal para compô-la. Sendo assim, se todo signo linguístico é composto por uma ou mais sílabas, e se cada sílaba só existe com a presença de um segmento vocálico na sua estrutura, daí se pode concluir que as vogais são elementos primordiais para a efetivação da língua, tanto na escrita quanto na oralidade.

2.3. O sistema consonantal do português

De acordo com Silva, (2002), por meio de parâmetros articulatórios, para classificarmos uma consoante, no português, deve-se levar em conta quatro aspectos: i) mecanismo de corrente de ar; ii) vozeamento e

desvozeamento; iii) oralidade e nasalidade; iv) lugar e modo de articulação. Como este artigo trata de nasalidade, dar-se-á, nesta seção, enfoque ao que se refere às consoantes nasais.

Na produção dos sons consonantais, a corrente de ar é sempre pulmonar; quanto ao vozeamento e desvozeamento, as consoantes podem ser surdas ou sonoras. O movimento do palato mole e da úvula pode dar ao som a característica de oralidade ou nasalidade.

Consoante Silva, (2002), os lugares de articulação são: bilabial, lábio-dental, dental ou alveolar, alveopalatal, palatal, velar, glotal. Com relação às consoantes nasais, estas são classificadas, quanto ao lugar de articulação, como:

– **bilabial**: quando o lábio inferior encontra o lábio superior. A consoante nasal produzida é [m], como na palavra *mico*;

– **dental ou alveolar**: quando a ponta da língua/lâmina se move em direção aos dentes superiores ou aos alvéolos, produzimos a consoante nasal [n] de *nada*;

– **palatal**: quando a parte central da língua se move em direção ao palato duro, produzimos a consoante nasal [ɲ] de *banha*.

Conforme o modo de articulação, as consoantes são: oclusivas, nasais, fricativas, africadas, tepe, vibrantes, retroflexas, lateral. As consoantes nasais apresentam as seguintes características quanto ao modo de articulação:

– **nasais**: bloqueio do ar que vem dos pulmões pela ação dos articuladores, entretanto, o véu palatino se posiciona abaixado, produzindo consoantes nasais. Sons produzidos: [m], [n] e [ɲ], nas respectivas palavras: *dama*, *cano* e *manha*.

As consoantes são, portanto, segmentos fonológicos que exercem uma função de grande relevância na efetivação da língua, seja na modalidade oral, seja na escrita. Para que possam ser pronunciadas, é necessário o auxílio de articuladores na produção dos sons, sejam eles ativos ou passivos.

Não são capazes de formar uma sílaba sem o auxílio da vogal, necessitando desse segmento tanto para a composição silábica, como para facilitar a pronúncia das palavras. No que concerne às consoantes nasais,

estas podem espalhar seu traço de nasalidade para vogais anteriores ou subsequentes, causando, assim, distinção semântica entre vocábulos ou apenas alofonias.

3. *Uma breve abordagem sobre os pronomes pessoais da língua portuguesa na perspectiva da gramática tradicional (GT)*

Como este artigo trata do uso dos pronomes oblíquos “me/mim”, faz-se, de início, nesta seção, uma abordagem sobre os pronomes pessoais da língua portuguesa, mas seu foco está voltado para o uso prescrito, pela gramática normativa, dos pronomes oblíquos citados neste trabalho.

Segundo Cunha & Cintra, (2001, p. 277), quanto à função, as formas do pronome pessoal podem ser RETAS ou OBLÍQUAS. RETAS, quando funcionam como sujeito da oração; OBLÍQUAS, quando se empregam na oração como objeto”. Para melhor esclarecimento, abordam-se dois exemplos abaixo:

Ex.: **Ela** foi à festa. (pronome pessoal reto)

Ela **me** convidou para ir a uma festa. (pronome pessoal oblíquo)

O quadro abaixo mostra claramente a correspondência entre essas formas:

Quadro 01: classificação dos pronomes pessoais.

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1ª pessoa	nós	nos	nós, conosco
	2ª pessoa	vós	vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

Fonte: construção do pesquisador (adaptado).

De acordo com Ferreira, (2014, p. 291), “os pronomes pessoais são aqueles que, num ato de comunicação, representam as três pessoas do discurso.” A primeira pessoa do discurso é aquela que fala; a segunda pessoa é aquela com quem se fala e a terceira, aquela de quem (ou de que) se fala.

Para melhor exemplificação do funcionamento das pessoas do discurso, imaginemos uma conversa em que João (primeira pessoa) fala com Maria (segunda pessoa) sobre Antonio (terceira pessoa).

Ex.: – **Eu** já **te** disse: não quero falar sobre **ele**!

Na frase acima, **Eu** é um pronome que indica a primeira pessoa, a pessoa que fala (João); **te** é um pronome que indica a segunda pessoa, isto é, Maria, com quem João fala; **ele** é um pronome que indica a terceira pessoa, de quem se fala, ou seja, Antonio.

Quadro 02: pronomes pessoais retos e oblíquos de 1ª pessoa.

1ª pessoa	do singular	<i>eu, me, mim, comigo</i>
	do plural	<i>nós, nos, conosco</i>

Fonte: construção do pesquisador(adaptado).

Os pronomes pessoais oblíquos funcionam como complementos de verbos, e são divididos em *átonos* e *tônicos*.

O português literário moderno conhece duas séries de formas oblíquas que se correspondem respectivamente. Uma não podem ser regidas de preposição e figuram sempre como vocábulos átonos, a saber: *me, te, nos, vos, lhe, lhes, o, a, os, as, se*; as outras são sempre tônicas e dependentes de preposição: *mim* (outrora *mi*), *ti, nós, vós, elle, ella, ellas, elles e o reflexivo si*. (JESUS, 2007, p. 58)

3.1. Emprego dos Pronomes Oblíquos

Para Cunha & Cintra, (2001, p. 277), os pronomes oblíquos da língua portuguesa são classificados em duas categorias: *átonos* e *tônicos*.

3.1.1. Formas tônicas

As formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição. (Cunha; Cintra, 2001, p. 296). Para elucidar, mostram-se os seguintes exemplos com o emprego do oblíquo tônico “*mim*”:

Ex.: Entregue a encomenda somente a **mim**.

Ele emprestou o livro para **mim**.

As formas tônicas dos pronomes são assim chamadas por apresentarem mais força ao serem pronunciadas, ou seja, o falante pronuncia-as de uma maneira mais forte, com uma tonicidade mais evidente, ao contrário do que acontece ao se pronunciar uma forma átona.

Os pronomes pessoais oblíquos tônicos, por serem acompanhados de uma preposição, funcionam como objeto indireto da oração.

3.1.2. Formas átonas

Podem empregar-se como objeto direto ou indireto. (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 301). Para melhor esclarecimento, trazem-se exemplos de uso do pronome oblíquo átono “me”:

Ex.: Ela **me** convidou para ir ao cinema hoje à noite. (objeto direto)

Maria **me** pediu para organizar a festa. (objeto indireto)

As formas átonas são assim chamadas por apresentarem uma pronúncia mais fraca por parte dos falantes, ao articularem tais oblíquos em suas produções linguísticas orais.

A Gramática Tradicional (GT) preceitua regras que contribuem para o uso adequado da língua em contextos orais e escritos. É um instrumento de apoio para o falante, no qual este se respalda para o uso formal da língua, possibilitando-lhe resultados exitosos no ambiente escolar, bem como em contextos extraescolares.

4. Procedimentos metodológicos

Nesta seção, discorre-se sobre os procedimentos adotados para a coleta dos dados dessa pesquisa. Os sete alunos participantes, sendo 04 do sexo feminino e 03 do sexo masculino, com faixa etária entre 13 e 15 anos, estudantes de uma turma de 8º ano de uma escola localizada no município de Itainópolis-PI, oriundos da comunidade onde está situada a escola ou de localidades vizinhas, serão aqui identificados como Aluno 1, Aluno 2, Alunos 3, Aluno 4, Aluno 5, Aluno 6 e Aluno 7.

De início, solicitou-se aos alunos que produzissem um texto narrativo escrito com no mínimo dez linhas, em que eles fariam sobre acontecimentos do seu dia, sobre sua rotina em um dia específico, isto é, o mesmo dia da produção do texto, mais especificamente, na manhã daquele dia. A narrativa produzida poderia ser real ou fictícia. Na produção dos textos, foram orientadas para os discentes, pelo produtor deste trabalho, situações que provocaram o aparecimento do pronome pessoal oblíquo átono de primeira pessoa do singular “me”, tais como: (o aluno teria que relatar no seu texto que um(a) amigo(a) ligou pra ele naquela manhã, que

o convidou para uma passeio, que lhe falou sobre como estava sua vida, que lhe contou um segredo e lhe pediu que não fosse repassado a mais ninguém), isso para verificar se este pronome seria substituído, nos textos produzidos, pelo pronome oblíquo tônico “mim”, e assim constatar, na escrita, a nasalidade do primeiro pronome citado neste parágrafo.

Após a produção textual, solicitou-se que escrevessem cinco frases que foram ditadas. Em cada frase que fora ditada aos alunos, havia a presença do pronome pessoal oblíquo “me”, o qual fora nasalizado propositalmente pelo pesquisador, para identificar a influência da nasalidade deste na escrita dos discentes.

5. Resultados e discussão dos dados

Parte-se agora, nesta seção, para a apresentação e a análise dos dados encontrados durante a pesquisa realizada. A princípio, são abordados os resultados encontrados por meio da produção textual solicitada.

Na produção textual do Aluno 1, houve 05 (cinco) ocorrências do pronome oblíquo tônico *mim* como adjunto do verbo, ou seja, como objeto, em vez de *me*, (... *minha amiga mim ligou, mim chamando para almoçar fora,...*; “*só vou tomar um banho e mim arrumar*”; ... *e quando terminei fui mim arrumar, e mim vestir*) e nenhuma ocorrência deste último pronome, o que seria, de fato, de acordo com as regras de uso da gramática normativa da língua portuguesa, o pronome pessoal adequado para ser empregado no contexto. De acordo com Cunha & Cintra (2001, p. 296), as formas oblíquas tônicas dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição, classe gramatical essa que não se fez presente nos contextos exemplificados, caracterizando, assim, usos inadequados do oblíquo tônico na produção do aluno.

No texto do Aluno 2, foram 04 (quatro) ocorrências do pronome *mim* em vez de *me* (... *daí ela mim ligou falando que não daria mais certo ...; daí um amigo meu mim ligou convidando para ir para uma festa, ...; aí quando foi a noite minha amiga mim ligou me chamando...*; *ela passou aqui em casa para mim buscar*) e, em 04 vezes, este último apareceu de forma adequada no contexto (*Hoje acordei com minha Amiga me ligando para ir para o shoppi,...*; ..., *ai nois conversando ele me falou da sua vida...*; ..., *e no final ele me agradeceu pois estava...*; .. *minha amiga mim ligou me chamando para ir...*).

O aluno 3 empregou 02 (duas) vezes, em seu texto, o *mim* no lugar do *me* (... meus amigos estavam **mim** ligando para jogar futebol na quadra ...; .. fui pra escola vi todos os meus amigo **mim** diverti com eles...), e, em apenas uma vez, o oblíquo átono foi usado de forma adequada por ele (...minha mãe **me** aconselhou...).

Já o texto do aluno 4 apresentou 01 (uma) ocorrência do oblíquo tônico *mim* no lugar do *me* (...até que percebi que não estava em casa era um lugar estranho aquele até que **mim** convidaram para um passeio...), sendo que em duas vezes, este último foi empregado por ele de forma adequada em sua produção escrita (... convidaram para um passeio por ligação então **me** arrumei...; ... ele esta com uma fantasia de coelho e estava sangrando ai ele **me** levou uma casa...).

O aluno 5 teve 01 (uma) ocorrência inadequada do pronome *mim* ao invés do *me* em seu texto (Ela **mim** perguntou ser ela lagava ele ou ficava...), e, em três vezes, ele empregou o átono de forma adequada (... e **me** perguntou se eu estava bem...; ... e **me** convidou para um passeio; ... e **me** pediu conselhos).

Partindo para a análise das produções textuais dos Alunos 6 e 7, estes dois não apresentaram nenhuma ocorrência do pronome oblíquo tônico *mim* em vez do átono de primeira pessoa do singular, ou seja, em todas as situações em que o pronome pessoal oblíquo átono de primeira pessoa foi exigido em seus textos, eles empregaram-no de forma coerente com os preceitos da gramática normativa para o uso desse tipo de pronome (Aluno 6: ..ele **me** ligou para saber se eu estava bem...; ... disse que queria sair comigo para **me** dizer que...; ... é ele **me** pediu alguns conselhos... Aluno 7: hoje meu amigo **me** ligou e **me** chamou para um passeio, e **me** fez algumas perguntas, se eu tinha assistido ao jornal e **me** perguntou qual era a noticia, ele **me** falou sobre sua vida pessoal, que tinha algumas coisas de errado acontecendo disse que estava cheio de dividas contas de luz água pra pagar, e **me** pediu um conselho, ...). Cunha & Cintra, (2001), afirmam que os pronomes oblíquos átonos podem ser empregados como objeto direto ou indireto. Entende-se, então, que estes dois últimos estudantes possuíam um conhecimento prévio das regras gramaticais de uso do pronome *me*, levando-os a aplicarem em suas produções escritas.

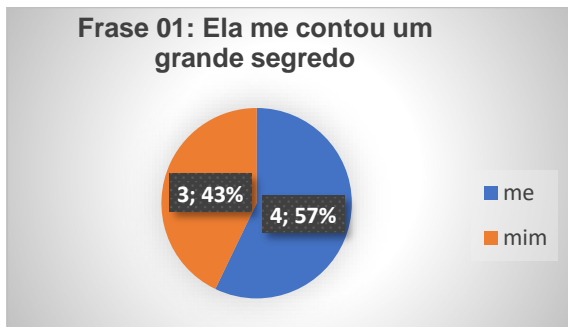
A variação linguística entre os pronomes *me* ~ *mim*, quando estes estão posicionados próximos a um verbo, é um fenômeno fonológico recorrente nas falas dos estudantes pesquisados. De acordo com Labov, a variação linguística é um fenômeno regular no uso das línguas. “De um

ponto de vista sociolinguístico, a variação é inerente às línguas, o que significa que nas línguas são encontradas formas distintas, mas equivalentes semanticamente nos diferentes níveis linguísticos.” (LABOV, 2008 [1970]). Vale ressaltar que a presença de tal fenômeno variacional com o uso, pelos referidos discentes, dos pronomes oblíquos abordados, fica no campo fonético, e não no fonológico, uma vez que tal variação não causa distinção semântica, caracterizando-se, apenas, como uma alofonia.

É mister frisar que é comum aos alunos pesquisados, ao usarem em suas falas o pronome pessoal oblíquo “me”, nasalizarem-no, pronunciando-o “mim ~ /mĩ/”, podendo ser este um fator que os influencia a levar essa inadequação da fala para suas produções escritas, fenômeno observado nos dados relatados neste tópico. A nasalidade, pelos falantes em questão, do pronome “me” ~ /mĩ/ é um processo fonológico facilitado pela presença da vogal média “e” pronunciada, nesse caso, como vogal alta “i”, junto a uma consoante nasal bilabial “m”. Tomando-se por base o que assevera Câmara Jr. (1970), uma vogal oral, ao assimilar o traço nasal de uma consoante nasal próximo a ela, transforma-se em vogal nasal. Ou seja, ocorre um processo de assimilação da nasalidade, por meio do espraçamento da consoante nasal para a vogal oral, a qual se torna um segmento nasal no contexto.

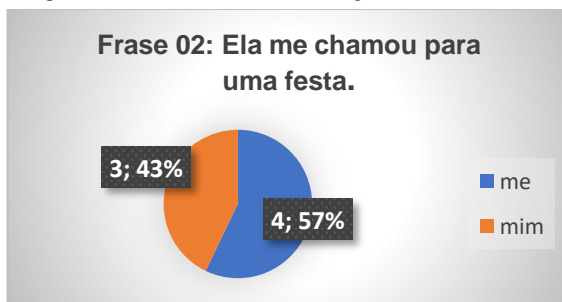
Parte-se agora, para a exposição dos resultados encontrados por meio de frases ditadas, nas quais se fazia necessário, de acordo com a gramática tradicional, o uso do pronome oblíquo átono *me*. Os dados encontrados estão representados nos gráficos a seguir.

Gráfico 1: Cômputo da ocorrência de *me/mim* na primeira frase solicitada aos alunos.



Fonte: *Corpus* desta pesquisa.

Gráfico 2: Cômputo da ocorrência de *me/mim* na segunda frase solicitada aos alunos.



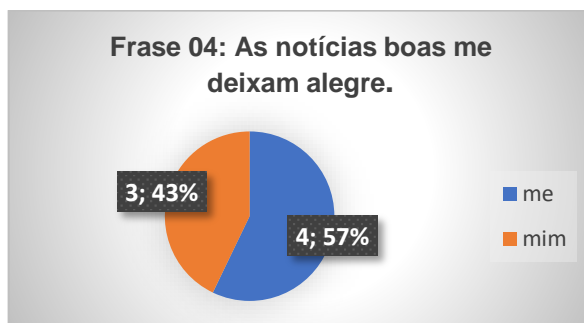
Fonte: *Corpus* desta pesquisa.

Gráfico 3: Cômputo da ocorrência de *me/mim* na terceira frase solicitada aos alunos.



Fonte: *Corpus* desta pesquisa.

Gráfico 4: Cômputo da ocorrência de *me/mim* na quarta frase solicitada aos alunos.



Fonte: *Corpus* desta pesquisa.

Gráfico 5: Cômputo da ocorrência de *me/mim* na quinta frase solicitada aos alunos.



Fonte: *Corpus* desta pesquisa

Partindo para uma análise dos dados apresentados nos gráficos, vê-se que, dos sete alunos pesquisados quanto ao uso do pronome oblíquo *mim* em vez do *me*, em posição proclítica adjunta ao verbo, nas cinco frases mostradas, os alunos 1, 2 e 3, apresentaram ocorrência do uso inadequado do pronome oblíquo tônico *mim* no lugar do pronome oblíquo átono *me*, em todas as frases ditadas pelo professor, representando tal uso inadequado do “*mim*”, entre os referidos alunos, um total de 43%. Os exemplos são mostrados no quadro abaixo:

Quadro 03: Frases ditadas pelo professor e escritas pelos alunos.

ALUNO	REGISTRO FORMAL	REGISTRO DO ALUNO
Aluno 1	Ela me contou um grande segredo	Ela <i>mim</i> contou um grande segredo
	Ela me chamou para uma festa	Ela <i>mim</i> chamou para uma festa
	Sempre me sinto bem aos domingos	Sempre <i>mim</i> sinto bem aos domingos
	As notícias boas me deixam alegre	As notícias boas <i>mim</i> deixam alegre
	Pedi para ela me ligar	Pedir pra ela <i>mim</i> ligar
Aluno 2	Ela me contou um grande segredo	Ela <i>mim</i> contou um grande segredo
	Ela me chamou para uma festa	Ela <i>mim</i> chamou para uma festa
	Sempre me sinto bem aos domingos	Sempre <i>mim</i> sinto Bem aos domingo
	As notícias boas me deixam alegre	As notícias boas <i>mim</i> deixam alegre
	Pedi para ela me ligar	Pedi pra ela <i>mim</i> ligar
Aluno 3	Ela me contou um grande segredo	ela <i>mim</i> contou um grande segredo
	Ela me chamou para uma festa	ela <i>mim</i> chamou para uma festa

	Sempre me sinto bem aos domingos	<i>sempre mim sinto bem aos domingos</i>
	As notícias boas me deixam alegre	<i>as notícias boas mim deixam alegre</i>
	Pedi para ela me ligar	<i>pedi pra ela mim ligar</i>

Fonte: *Corpus* desta pesquisa.

Já os alunos 4, 5, 6 e 7, nas cinco frases ditadas, não apresentaram nenhuma ocorrência do uso inadequado do oblíquo tônico em questão no lugar do átono *me*, isto é, em todas as sentenças, nas quais o pronome oblíquo átono fora nasalizado propositadamente pelo professor, os referidos alunos escreveram-no corretamente, representando assim, um uso total de 57% desse pronome nas frases solicitadas. Os exemplos são mostrados no quadro abaixo:

Quadro 04: Frases ditadas pelo professor e escritas pelos alunos.

ALUNO	REGISTRO FORMAL	REGISTRO DO ALUNO
Aluno 4	Ela me contou um grande segredo	<i>Ela me contou um secreto</i>
	Ela me chamou para uma festa	<i>Ela me chamou para uma festa</i>
	Sempre me sinto bem aos domingos	<i>Sempre me sito bem aos domingos</i>
	As notícias boas me deixam alegre	<i>As notícias boas me deixam alegre</i>
	Pedi para ela me ligar	<i>Pedi pra ela me ligar</i>
Aluno 5	Ela me contou um grande segredo	<i>Ela me cotou um grande secredo</i>
	Ela me chamou para uma festa	<i>Ela me chamou para uma festa</i>
	Sempre me sinto bem aos domingos	<i>sempre me sito bem aos domigos</i>
	As notícias boas me deixam alegre	<i>as notícias boas me deixa alegre</i>
	Pedi para ela me ligar	<i>Pedir pra ela me ligar</i>
Aluno 6	Ela me contou um grande segredo	<i>ela me contou um grande segredo</i>
	Ela me chamou para uma festa	<i>ela me chamou para um festa</i>
	Sempre me sinto bem aos domingos	<i>sempre me sinto bem aos domin-gos</i>
	As notícias boas me deixam alegre	<i>As notícias boas me deixa Alegre</i>
	Pedi para ela me ligar	<i>Pedi pra ela me ligar</i>
Aluno 7	Ela me contou um grande segredo	<i>ela me contou um grande segredo</i>
	Ela me chamou para uma festa	<i>ela me chamou para uma festa</i>
	Sempre me sinto bem aos domingos	<i>sempre me sinto bem aos meninos</i>
	As notícias boas me deixam alegre	<i>as notícias boas me deixam alegre</i>
	Pedi para ela me ligar	<i>pedi pra ela me ligar</i>

Fonte: *Corpus* desta pesquisa.

Para Cunha & Cintra (2001, p. 277), os pronomes oblíquos da língua portuguesa são classificados em duas categorias: *átonos* e *tônicos*. Ainda segundo Cunha & Cintra (2001, p. 296), as formas oblíquas tônicas

dos pronomes pessoais vêm acompanhadas de preposição, o que não aconteceu nas produções frasais dos alunos 1, 2 e 3, apresentando, assim, uso inadequado do oblíquo tônico *mim*. Já as formas átonas podem ser empregadas como objeto direto ou indireto (Cf. CUNHA; CINTRA, 2001, p. 301), uso que pode ser constatado nas produções frasais dos alunos 4, 5, 6 e 7, caracterizado como uso adequado do oblíquo átono *me*.

Ressalta-se que os alunos 1, 2 e 3 tiveram ocorrências significativas de troca do pronome oblíquo átono *me* pelo tônico *mim* em suas produções textuais e em todas as frases escritas solicitadas. Os alunos 4 e 5 tiveram apenas uma ocorrência de uso inadequado do “*mim*” em vez do “*me*” em suas produções textuais e nenhuma ocorrência de uso inadequado deste último pronome oblíquo nas frases escritas. Os alunos 6 e 7 não apresentaram nenhuma ocorrência de uso inadequado, de acordo com a gramática normativa, do tônico *mim* no lugar de *me*, nem nas suas produções textuais, nem nas frases escritas solicitadas.

Como a nasalidade do oblíquo *me*, nas falas dos alunos em foco, é uma realidade observada pelo produtor deste trabalho, por ser o professor de língua portuguesa deles, entende-se que a troca inadequada do pronome oblíquo átono pelo tônico, nas produções escritas recebidas e analisadas (alunos 1, 2 e 3), seja um fator influenciado por essa nasalização apresentada nas falas dos alunos, o que fá-los levar essa inadequação para suas produções escritas. Entende-se também que esses três alunos não possuem domínio gramatical de uso desses pronomes pessoais oblíquos.

Com relação aos alunos que apresentaram, na escrita, pouca ocorrência dessa troca inadequada entre os pronomes oblíquos supracitados (alunos 4 e 5), infere-se que pode haver também influência da nasalidade do pronome nesta inadequação, mesmo eles podendo ter conhecimento das regras de uso gramatical desse tipo de pronome. Referente aos alunos que não apresentaram nenhuma ocorrência de uso inadequado do oblíquo “*mim*” no lugar do “*me*”, em todas as suas produções escritas (alunos 6 e 7), o que se supõe é que eles possuem conhecimento gramatical normativo sobre o uso desses pronomes, não sendo influenciados, na modalidade escrita, pelo processo de nasalidade, na fala, do pronome oblíquo átono de primeira pessoa do singular.

6. Considerações finais

Ao finalizar este trabalho, pôde-se observar que, entre os alunos pesquisados, há, em suas produções escritas, tanto o uso inadequado do pronome pessoal oblíquo tônico *mim* em vez do átono *me*, quanto o uso adequado deste último, de acordo com as normas estabelecidas pela gramática da língua portuguesa.

Foi possível concluir, de acordo com os dados encontrados e a partir da análise do *corpus* fornecido pelos estudantes em foco, que a maioria deles faz uso inadequado do oblíquo *mim* ao invés do *me*, em posição adjunta ao verbo, isto é, como objeto, o que se acredita ser um reflexo da interferência, nas suas produções escritas de textos e frases, da forma nasalizada como articulam este último pronome nas suas interações linguísticas por meio da fala. Mesmo podendo haver conhecimento, por parte desses alunos, das regras prescritas pela gramática normativa com relação ao uso desse tipo de pronome, o fator nasalidade interfere significativamente na escrita de grande parte deles.

Mesmo com os resultados já encontrados neste trabalho, pensa-se que ainda se faz necessária a realização de um estudo mais aprofundado sobre a questão da influência da nasalidade do pronome oblíquo átono, percebida na fala dos alunos da turma pesquisada, na escrita destes, para que o professor de língua portuguesa da referida turma, possa criar estratégias interventivas eficazes de ensino dos pronomes pessoais oblíquos de primeira pessoa do singular para o alunado de tal turma com deficiência neste conteúdo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATTISTI, Elisa, VIEIRA, Maria José Blaskovski. *O sistema vocálico do português*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. [RECURSO ELETRÔNICO], /ORG. Leda Bisol. 5. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 286 p.

BISOL, Leda (Org.). *Introdução aos estudos de fonologia do português brasileiro*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

_____. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. [RECURSO ELETRÔNICO], /ORG. Leda Bisol. 5. ed. Dados eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. 286p.

BOTELHO, José Mario. A nasalidade das vogais em português. *SOLETRAS*, Ano VII, n. 14, São Gonçalo: UERJ, jul./dez., 2007.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. Iniciação à fonética e à fonologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes. 42. ed. 2009 [1970].

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

EVANILDO, Bechara. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

HORA, Dermeval da; MATZENAUER, Carmem Lúcia. *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017. 192p.

JESUS, Margareth dos Santos. *Pronome pessoal oblíquo na linguagem escrita contemporânea de língua portuguesa: uma pesquisa sociolinguística*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2007 [21-?]. 121f.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola. 2008 [1972].

MAIA, Lilian de Sant'anna; KANTACH, Gessilene Silveira. Uso de ME/MIM em posição adjunta ao verbo. *WEB – Revista Sociodialeto*, v. 8, n. 23. Ago/Nov 2017.

MENDONÇA, Ana Maria Santos de; OLIVEIRA, Alan Jardel. Nasalização fonética no português brasileiro: uma revisão sistemática de literatura. *UFAL. Revista do GELNE*, v. 21, n. 2, 2019.

PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. *Aprender e praticar gramática*. Volume único: ensino médio. 4. ed. São Paulo: FTD, 2014.

RODRIGUES, Éllis Márcia Batista. *A Nasalidade na escrita de alunos do quarto e quinto ano do ensino fundamental I – Descrição e intervenção pedagógica*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Uberlândia, 2016. 151f.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SILVA, T. C. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2002.

TERRA, Ernani. *Português de olho no mundo do trabalho*. Volume único. São Paulo: Scipione, 2004.

TRUBETZKOY, N. S. A fonologia atual. In: DASCAL, M. (Org). *Fundamentos metodológicos da Linguística*. Vol. II. Fonologia e Sintaxe. Campinas: UNICAMP, 1981.

VAGONES, Elvira Wanda. A Fonética e seus precursores. *Alfa*, 24, p. 179-85, São Paulo, 1980.

Outra fonte:

[https://fonologia.org/Fonética articulatória – Consoantes do português](https://fonologia.org/Fonética_articulatória_-_Consoantes_do_português). Acessado em: 01 de setembro de 2023.